

Camila Bergamin - A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis no início do século XX e a sua continuidade no tempo presente

A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis a partir de 1900 e a sua continuidade no tempo presente

Camila Bergamin
cbergamin89@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este trabalho busca relacionar a economia de Florianópolis com a produção da renda de bilro, enfatizando o período que vai da passagem do século XIX para o XX. Busca-se compreender a importância da produção e comercialização de artigos em renda-de-bilro na região da capital. Parte-se de um entendimento de características econômicas gerais da cidade para perceber onde se insere o comércio da renda, passando pelas etapas do processo de confecção da renda-de-bilro e os modelos produzidos na região. Se o ato de “fazer a renda” era caracterizado como atividade exclusiva às mulheres, que importância econômica essa atividade ganha com a virada do século XIX para o XX? Que fatores vão influenciar na diminuição da importância econômica dada ao produto? Assim, busca-se a entender como ocorreu o processo que levou a atual situação das rendeiras e do fazer a renda-de-bilro em Florianópolis.

PALAVRAS-CHAVE: Renda-de-bilro, economia familiar, rendeiras, cultura.

ABSTRACT: This paper seeks to relate the economy of Florianópolis with the production of bobbin lace, emphasizing the period from the late nineteenth to the twentieth century. We seek to understand the importance of the production and marketing of articles on rent-to-bobbin in the capital region. It starts with an understanding of general economic characteristics of the city to realize where it belongs trade income, through the stages of the lace-to-bobbin and the models produced in the region. If the act of "make income" was characterized as an activity exclusive to women, that this important economic activity gains from the turn of the nineteenth to the twentieth? What factors will influence the economic decline of the importance given to the product? Thus, we seek to understand how was the process that led to the current situation of tenants and make income-to-bobbin in Florianopolis.

KEYWORDS: Bobbin lace, household economy, *rendeiras*, culture.

The importance of bobbin lace in the household economy in Florianopolis from 1900 and its continuity in the present tense

Uma cidade à beira-mar, que por muito tempo voltou suas atenções para o mar, e fez desse o meio para sua economia: voltada em grande parte para a atividade pesqueira. Assim se caracterizava a então Florianópolis do final do século XIX, até pouco tempo conhecida



como Desterro, dividida entre cultura e economia urbana e rural, em seus mais diversos aspectos.

Dentro de tais características, as atividades econômicas importantes, e que assim recebiam melhores remunerações, eram restritas aos homens, esposos e filhos. Somando-se à pesca surge também a agricultura, enquanto atividades econômicas predominantes, e o comércio dos produtos de tais atividades.

Nesse contexto, cabe a pergunta: qual o papel econômico das mulheres rendeiras e a renda-de-bilro? As rendas aparecem quase que exclusivamente como complemento na renda mensal da família, como uma atividade extra que a mulher realizava, além dos afazeres domésticos e de atividades secundárias junto à pesca e a agricultura, que realizavam em auxílio aos homens da casa. Digo auxílio, pois as atividades femininas se restringiram, por muito tempo, ao âmbito doméstico, fazendo com que as mulheres acumulassem assim, diversas tarefas ao longo do dia.

O ato de fazer a renda foi, durante o período aqui estudado, caracterizado pela historiografia tradicional como uma “simples atividade de lazer”, restrita às mulheres, sem que recebesse o devido valor que empenhava na renda familiar naquele momento. Isso foi ocasionado pela distinção sexual e de gênero das atividades restritas a homens ou mulheres, o que gerava uma desvalorização dessa atividade no campo econômico. É comum perceber nas bibliografias que abordam tal assunto, a diferenciação entre o trabalho do homem, principalmente voltado para a pesca, e o trabalho da mulher, que se caracterizava pelas atividades domésticas da casa e pela feitura da renda entre outros afazeres no âmbito doméstico. Assim, era ressaltado o valor da pesca enquanto trabalho masculino, remunerado e provedor do sustento, enquanto a atividade com a renda era restrita à ideia de complemento econômico e sem grande efeito na vida familiar. Isso pode ser visto no trecho a seguir:

A demarcação de territórios específicos para as atividades femininas e masculinas nesse contexto social, bem como as transformações decorrentes do processo de urbanização, é temática que vem sendo investigada por Lago (1996). À pesca, atividade masculina inscrita em um contexto público, contrapunha-se a renda, tecida pelas mulheres em círculos restritos. Desse modo, tanto o aprendizado quanto a confecção da renda consistiam, naquela época, em atividades desenvolvidas no âmbito doméstico¹.

¹ ZANELLA, Andréa Vieira; BALBINOT, Gabriela and PEREIRA, Renata Susan. A renda que enreda: analisando o processo de constituir-se rendeira. *Educ. Soc.*[online]. 2000, vol.21, n.71, pp. 235-252.

Camila Bergamin - A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis no início do século XX e a sua continuidade no tempo presente

Com isso, a presença das próprias rendeiras, ou das mulheres das classes mais simples em geral, no centro urbano de Florianópolis, com o objetivo muitas das vezes de comercializar a renda que haviam produzido, era vista com maus olhos, conforme coloca a historiadora Joana Maria Pedro:

A presença de mulheres das camadas populares nas ruas do centro urbano de Desterro/Florianópolis, no final do século XIX e início do XX, improvisando inúmeras formas de sobrevivência, foi mal suportada pela elite local, que pressupunha a restrição das mulheres na esfera íntima familiar como referência principal das famílias distintas².

O trabalho com a renda era necessário a essas mulheres não só como complemento para a arrecadação de dinheiro para manutenção da casa, mas muitas das vezes como fonte principal de obtenção de renda para o sustento da família. Muitas dessas mulheres eram esposas de pescadores, que passavam longas temporadas em alto mar, acabando por deixar o sustento e a chefia da família nas mãos e nos bilros dessas mulheres. Assim, com o passar do tempo, a renda passou a ser uma das principais fontes econômicas das famílias dos que viviam na ilha, juntamente com o sustento vindo da pesca e da agricultura, com plantação de mandioca e produção de farinha, predominantemente, entre outros produtos.

Em conversas com as mulheres rendeiras retiradas de diferentes fontes bibliográficas³, é possível notar a realidade dessas mulheres e suas famílias, na importância dada por elas ao seu trabalho com a renda, e como ele era também importante para a família, considerado pelas rendeiras como um trabalho principal, e não apenas como lazer ou renda extra.

Para que se possa entender o processo de confecção da renda-de-bilro e o que acarreta na comercialização da mesma, é necessário conhecermos um pouco da história da renda em si. O fazer a renda surge na passagem do século XV ao XVI, ainda em Portugal, e vem para a então capital da província, Desterro, com os colonizadores açorianos já no século XVIII. Porém, perde sua importância enquanto atividade artesanal para a tecelagem e cestaria,

² PEDRO, Joana Maria. Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

³ Foram entrevistadas 157 mulheres, entre 12 e 99 anos, distribuídas pelos 9 distritos da Ilha e a Cidade, dado retirado de: BECK, Anamaria. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão. Trabalho limpo: a renda-de-bilro e a reprodução familiar. Florianópolis: UFSC, Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, 1983. 30p. (Anhatomirim, 4), e: ZANELLA, Andréa Vieira. A renda que nem sempre gera renda. Revista de Ciências Humanas [Florianópolis], Florianópolis, n.25, p. 133-150, abr. 1999.



Camila Bergamin - A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis no início do século XX e a sua continuidade no tempo presente

por terem esses produtos valor agregado de troca mais elevado. Assim, a renda-de-bilro passa a ter, naquele momento, uma limitação ao espaço doméstico, sem receber tanto valor econômico⁴.

Essa atividade se desenvolveu de diferentes maneiras, observadas as particularidades conforme a região da cidade em que estava inserida. Essas diferentes formas de fazer vão resultar em modelos, pontos e técnicas distintas, presentes em cada espaço de convívio e moradia dessas mulheres. Com o passar do tempo, tais técnicas vão se mesclando, sendo transportadas de um local para outro através das próprias rendeiras que trocavam conhecimentos entre si, e que faziam com que as rendas fossem o resultado de técnicas cada vez mais apuradas, tornando-as produtos cada vez mais bonitos e diferenciados, processo que foi, aos poucos, devolvendo a importância desse trabalho artesanal.

Com o século XIX, a renda volta a ter maior importância no cenário da capital, ganhando destaque em artigos de vestuário feminino e na prática de compor o enxoval das moças prestes a casar. Ainda reservada ao âmbito doméstico e sem alto valor econômico, a renda-de-bilro naquele período caminha para o seu momento de maior importância econômica e comercial⁵.

Com a virada para o século XX, a atividade das rendeiras ganha nova característica, tornando-se importante símbolo do folclore da capital, já denominada Florianópolis. A partir da segunda metade do século XX, passa a ser considerada como um grande atrativo comercial frente ao crescimento turístico que se percebia no litoral. Com o desenvolvimento acelerado da indústria e do turismo na cidade, os turistas estrangeiros e brasileiros que passavam o verão no litoral catarinense partilhavam de um grande interesse pelas rendas produzidas na cidade de Florianópolis, por seu diferencial e característica de exclusividade de um trabalho manual proveniente de técnicas muitas vezes restritas ao domínio das rendeiras de Florianópolis, fazendo com que a comercialização desse produto se intensificasse significativamente, confirmando essa atividade como importante no sustento da mulher rendeira, como colocam Zanella, Balbinot e Pereira em seu artigo:

Com o advento do turismo, em meados deste século, esse artesanato passou a ser valorizado/destacado para além desse espaço. A renda começa assim a estabelecer-se no contexto econômico e a atividade é re-significada: de artesanato feito por entretenimento e que se constituía em instrumento

⁴ ZANELLA, Andréa Vieira. A renda que nem sempre gera renda. Revista de Ciências Humanas [Florianópolis], Florianópolis, n.25, p. 133-150, abr. 1999.

⁵ ZANELLA, 1999, p.133-150. Idem



Camila Bergamin - A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis no início do século XX e a sua continuidade no tempo presente

regulador da conduta feminina, na medida em que mantinha a mulher em casa, passa a ser uma atividade geradora de mercadorias. A comercialização delas possibilitava-lhes complementar a renda familiar e, em alguns casos, garantia sua independência financeira [...]6.

Porém, ainda que o produto do trabalho da rendeira tenha recebido esse grau de importância vindo dos turistas, o significado dado a essa atividade ganha conotações diferentes para os turistas e para as mulheres que fabricam a renda. Para um, é apenas um bem de valor cultural, para outro é um trabalho que ajuda no sustento da família, ganhando valor agregado ainda maior.

[...] para os turistas, consumidores, essa atividade apresenta um valor cultural, artístico, folclórico; para as rendeiras, no entanto, sobrepõe-se a essas características uma outra significação: o fazer renda é uma atividade econômica, que lhes possibilita complementar a renda familiar. À renda-arte-objeto-de-consumo-enfeite contrapõe-se, pois, a *renda como fonte de renda*⁷.

O ato de produzir a renda se desenvolveu de diferentes maneiras, variando conforme a região da cidade em que estava inserida, resultando em tanto em modelos, pontos e técnicas diferenciadas presentes em cada espaço de moradia (bairros próximos ou não às praias) quanto convívio (as casas onde se reuniam as mulheres, de uma mesma família ou amigas, para trabalhar na renda, e onde trocavam conhecimentos e novas criações das rendas) dessas mulheres.

Com o tempo as técnicas vão se mesclando, sendo transportadas de um bairro para outro através das próprias rendeiras que trocam conhecimentos entre si, e que fazem com que as rendas sejam o resultado de técnicas cada vez mais apuradas e aperfeiçoando os artigos, que se tornam cada vez mais bonitos e diferenciados, devolvendo aos poucos a importância da renda e dando visibilidade a esse tipo de trabalho artesanal.

Os locais da cidade característicos da produção da renda-de-bilro se concentram na região litorânea da Ilha de Santa Catarina, como também das praias na região continental de Florianópolis e Grande Florianópolis. Podemos destacar primeiramente o bairro da Lagoa da Conceição, onde a presença da renda foi e ainda é intensa, sendo caracterizada pelo tipo de renda conhecida como “Maria-Morena”, seguida das localidades do sul da ilha, como Pântano

⁶ Op.Cit. ZANELLA; BALBINOT e PEREIRA, pp. 235-252, 2000.

⁷ ZANELLA, 1999, p.133-150. Ibidem.



do Sul e Ribeirão da Ilha, região característica da renda conhecida como “Tramoia”⁸. Ainda temos a forte presença nas praias do norte, onde se reúne um grande número de rendeiras, porém espalhadas entre as várias praias e localidades que compõe a região norte, as quais podem ser citadas Cachoeira do Bom Jesus e Canasvieiras⁹.

As próprias rendeiras estabeleceram uma distinção para as etapas de produção e comercialização da renda-de-bilro, criando tarefas e denominações específicas, conforme citado por Anamaria Beck:

Nem todas são rendeiras, no sentido de que produzem rendas, mas, muitas delas, são rendeiras no sentido de que comercializam as rendas. Encontram-se, assim, duas expressões, pelas quais são atualizadas estas duas posturas: fazendeira, que designa a mulher que faz renda e a compradeira, ou, simplesmente rendeira para a mulher que comercializa o produto, a intermediária. Entretanto, deve-se assinalar que, por vezes, a mesma mulher reúne as duas funções: o fazer e o comprar¹⁰.

As mulheres aprendiam a atividade da renda desde muito cedo. Meninas na idade média de sete anos já possuíam seu espaço do dia reservado a aprender a fazer a renda-de-bilro. E não o faziam, muitas das vezes, por vontade própria, mas por determinação materna, que via na renda um importante aprendizado que deveria passar às filhas, também como uma tentativa para garantir uma atividade que a sustente em qualquer situação de adversidade financeira. Com o passar do tempo, tal prática vai diminuindo sem que haja a obrigação de se aprender “a qualquer custo”, salvaguardadas as devidas exceções.

Ligado a isso, tem-se a situação em que se encontram essas mulheres quando chegam a uma idade já mais avançada, onde depoimentos apontam sofrimento com diversos problemas de saúde, estando entre os mais comuns a dificuldade com a visão, devido às várias horas de trabalho com a renda muitas vezes durante a noite, sob a luz de um pequeno lampião¹¹, por exemplo. Seriam também problemas comuns na coluna, devido a longas horas

⁸ BECK, Anamaria. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão. Trabalho limpo: a renda-de-bilro e a reprodução familiar. Florianópolis: UFSC, Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, 1983. 30p. (Anhatomirim, 4). SOARES, Doralécio. Rendas e rendeiras da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: F.C.C., 1987. 80p.

⁹ BECK, Anamaria. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão. Trabalho limpo: a renda-de-bilro e a reprodução familiar. Florianópolis: UFSC, Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, 1983. 30p. (Anhatomirim, 4).

¹⁰ BECK, 1987, 30p. Idem.

¹¹ BECK, 1987, 30p. Idem.



Camila Bergamin - A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis no início do século XX e a sua continuidade no tempo presente

sentadas ao chão com suas almofadas de bilro apoiadas nas pernas, para execução dos afazeres da renda.

O processo de confecção das rendas é bastante trabalhoso e requer um longo tempo da “fazendeira”, nomenclatura como são denominadas essas mulheres. Além disso, o trabalho com a renda é sempre feito após toda uma jornada diária de trabalho doméstico, e também nas atividades relacionadas à pesca ou a agricultura. Com o passar do tempo, as mulheres rendeiras foram se adaptando às novas situações que surgiam envolvendo a comercialização de seus produtos.

De início, é possível citar a expansão urbana que ocorreu na cidade de Florianópolis como um fator que afetou diretamente o tipo de trabalho artesanal característico das rendeiras, seu status dentro da estrutura econômica das famílias e a forma como era comercializada a renda. O tempo que levavam para fazer a renda influenciava diretamente no valor final da peça finalizada e conseqüentemente na sua comercialização. Ao mesmo tempo em que o contato dessas comunidades menores com uma economia de mercado que se elevava ao mundo do consumo inserido em um regime de cunho capitalista, essa transformação resulta em uma adequação a processos de produção que se tornam cada vez mais sofisticados e diferentes do trabalho artesanal em que o fazer a renda-de-bilro se insere.

Neste contexto, há espaço para o trabalho artesanal enquanto atividade econômica? Ao que parece, este espaço só se configura na sociedade capitalista na medida em que seu produto é visto como objeto de arte e, portanto, reconhecido como de interesse econômico. Do contrário, enquanto produtor de mercadorias, de valores de troca, modificações precisam ser introduzidas visando à diminuição dos custos e ao aumento da produção, de modo a se atender às pressões e exigências do mercado¹².

Frente a tal situação, as mulheres fazedeiras se adaptam a esse novo processo econômico, alterando o seu produto. As rendas recebem pontos mais simples, o que torna o trabalho menos demorado, e, conseqüentemente, a tarefa de aprender e ensinar a renda se torna mais simples também. Houve a substituição da linha utilizada (antes muito fina) por uma linha mais grossa, que ocupando mais espaço no ponto, resultava em menos tempo de trabalho, que resultava em uma maior qualidade da renda, por não demandar mais tanto tempo, otimizava a produção do trabalho artesanal. A utilização de cores mais fortes e

¹² ZANELLA, Andréa Vieira. A renda que nem sempre gera renda. Revista de Ciências Humanas [Florianópolis], Florianópolis, n.25, p. 133-150, abr. 1999.



diferenciadas (antes eram apenas utilizadas cores claras, como branco e cru, devido à disponibilidade da linha) também gerava uma gama maior em opções dos produtos, o tornando mais atrativo¹³.

Ao mesmo tempo em que as técnicas de produção da renda iam se modificando para não perder seu espaço no comércio local, várias técnicas e modelos de rendas vão desaparecendo na medida que as novas fazendeiras de rendas, meninas que aprendem com a mãe a arte de rendar, vão conhecendo apenas os modelos mais novos e facilitados. E nesse momento que aparece um dos principais fatores que iriam contribuir para o processo de quase extinção da renda-de-bilro que vemos hoje em Florianópolis.

Com o passar do século XX e a urbanização crescente na cidade, que irá resultar no deslocamento dos “nativos da ilha” cada vez mais para as periferias, é notável o aparecimento e crescimento de trabalho, fora somente do âmbito doméstico, para as mulheres. Estes serão trabalhos que vão gerar maiores salários, atraindo assim as jovens em busca de melhores condições de vida e sustento da família. Cada vez menos as filhas irão se interessar pelo fazer da renda, aprender com a mãe as técnicas do artesanato da renda, acarretando em uma diminuição e esquecimento da renda-de-bilro como atividade econômica.

Tal situação fez com que antes mesmo do final do século a renda-de-bilro perdesse sua importância econômica, e até mesmo cultural, pois com o advento do “progresso” a necessidade de buscar um emprego fixo que gerasse uma renda maior, levou as jovens a não mais se interessarem pela renda-de-bilro, e, conseqüentemente, diminuindo a vontade em aprender as técnicas de fazer a renda com as mães e avós.

Outro fator relevante foi a forte especulação imobiliária que ocorreu na cidade, levando os moradores locais, boa parte composta pescadores, e suas esposas, as rendeiras, a mudarem-se, o que acabava por “isolar” os moradores e suas sociabilidades em meio a inúmeras casas de veraneio que cresciam a todo o momento na cidade. O deslocamento de moradia seus locais de origem na região litorânea de Florianópolis, possibilitou o gradual desaparecimento da tradição do fazer a renda que conheceram nesses lugares.

A renda-de-bilro, ao que tudo indica, apesar de resgatada em sua importância cultural, parece fadada a desaparecer, pois não tem contribuído efetivamente para a reprodução e manutenção da família. Desenvolvida em geral por mulheres oriundas de classes sociais de baixo poder aquisitivo, a renda atualmente está sendo abandonada porque prevalecem, na análise das

¹³ Idem

Camila Bergamin - A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis no início do século XX e a sua continuidade no tempo presente

entrevistadas [rendeiras e fazendeiras], as desvantagens desse tipo de atividade enquanto geradora de renda. As desvantagens referem-se à difícil comercialização, ao baixo preço alcançado pelo produto e ao desequilíbrio entre custos e benefícios¹⁴.

Analisando tais situações, é possível concluir que a significação da renda-de-bilro na cidade de Florianópolis e região se define atualmente de forma simbólica, em seu aspecto cultural e folclórica. Cumprindo o papel de irradiadora da cultura da renda-de-bilro na ilha, pode-se observar uma cultura que vai se perdendo com a crescente ausência de mulheres detentoras do conhecimento das técnicas de fazer renda e de pessoas interessadas em aprender e perpetuar essas técnicas.

Ainda que exista a preocupação, por parte das próprias rendeiras, com o futuro das práticas que exercem, e que existam programas e projetos para manutenção dessas atividades, a renda-de-bilro perde cada vez mais espaço enquanto produto econômico e até mesmo, aos poucos, enquanto objeto de consumo. Pois ainda que a simbologia da renda se mantenha, bibliografias e estudos sobre o tema apontam para a possibilidade de que o produto do trabalho dessas mulheres poderá não se manter por um longo período de tempo, à medida que não houver mais quem o faça.

A renda-de-bilro na cidade de Florianópolis, em um relativo curto espaço de tempo, passou por fases de ascensão e valorização enquanto produto e fonte de renda, e também de queda em sua perspectiva econômica, tornando-se mais um bem simbólico cultural do que um produto econômico, de forma acelerada. Resta agora saber se a renda-de-bilro será mantida enquanto produto cultural, ainda fortemente utilizado como símbolo da cultura açoriana na região ou se este processo levará a extinção da prática da renda-de-bilro.

Transposição didática: Como usar este artigo em sala de aula

Este artigo pode ser utilizado em sala de aula como material para trabalhar as origens dos símbolos culturais e folclóricos como são trabalhados atualmente na cidade de Florianópolis. Assim como para que sejam trabalhados diferentes aspectos da cultura da região e sua relação com os moradores e agentes dessa economia. É possível trabalhar ainda a

¹⁴ ZANELLA, Andréa Vieira. A renda que nem sempre gera renda. Revista de Ciências Humanas [Florianópolis], Florianópolis, n.25, p. 133-150, abr. 1999.



Camila Bergamin - A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis no início do século XX e a sua continuidade no tempo presente

posição da mulher perante os temas elencados acima em diferentes momentos da história da cidade.

Referências

BECK, Anamaria. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Pró Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão. *Trabalho limpo: a renda-de-bilro e a reprodução familiar*. Florianópolis: UFSC, Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, 1983. 30p. (Anhatomirim, 4).

BONATELLI, Maria José. *As rendas*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1956.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Tramóia: histórias de rendeiras*. Florianópolis: Ed. Insular, 1998.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

PEZZOLO, Dinah Bueno. *Tecidos: história, tramas, tipos e usos* – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SOARES, Doralécio. *Do artesanato e a sua proteção: Rendas da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, 1957.

_____. *Rendas e rendeiras da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: F.C.C., 1987. 80 p.

ZANELLA, Andréa Vieira. Aprendendo a tecer a renda que o tece: apropriação da atividade e constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural. *Revista de Ciências Humanas* [Florianópolis], Edição especial temática, p. 145 – 158, 1999.

_____. A renda que nem sempre gera renda. *Revista de Ciências Humanas* [Florianópolis], Florianópolis, n. 25, p. 133-150, abr. 1999.

ZANELLA, Andréa Vieira; BALBINOT, Gabriela and PEREIRA, Renata Susan. A renda que enreda: analisando o processo de constituir-se rendeira. *Educ. Soc.* [online]. 2000, vol.21, n.71, pp. 235-252.

Recebido em 22 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 04 de junho de 2013.

